

O FORMIGÃO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

Publica-se uma vez por semana, e assigna-se nesta officina n. 12 da rua de São Pantalão. A

O FORMIGÃO

Uma walsa.

(Cont. do n. 1.)

—Onça este allegro.

A musica hia espirar; eu estava ebrio, olhei para ella... a walsa finalisou.... Não sei como achei-me no jardim, passeando por entre as flores, sorvendo o aroma das pétalas orvalhadas pela noute.

A walsa não me sahia do sentido, eu ainda parecia ouvir as ultimas notas; a lembrança da menina qumára me o ebreo.

Sentei-me n'um banco, e por entre as flores destingui um vulto, alvo como uma mortallia, tremi, o vulto aproximou-se; era ella...

Corri ao seu encontro, ella vinha cantando o allegro da walsa, deu-me o braço e fomos para o banco.

Ella encostou a cabeça ao meu hombro, eu estava enfebreido, toquei na sua mão, ella disse-me: estás queimando.

Eu não podia fallar; a voz estava presa. Apertei-a contra o meu peito, ella empaldecia, cingi-lhe a cintura... e beijei-lhe a fronte; estava fria como o marmore, os olhos estavam cerrados, eu apertava um cadaver de mulher, tremi, horrorisado... abri os olhos, corri a mão pela testa.....

Despertei; a menina olhava-me, a walsa hia finalisando.

—Ah! assim é que gosta da musica!... é como as crianças, que para dormirem se emballão?

—Oh! pois eu dormia!...

Anastacio, soltou uma gargalhada e deu-me o braço; entrei para o quarto e a walsa tirou-me o somno, não dormi toda noute.

Na segunda feira metti-me no carro, e chegando a cidade, escrevi a historia da tal walsa, que preoccupou-me o juizo por mais de um mez. Ainda hoje lembro-me da mocinha, quando o meu visinho toca na frauta a walsa de Rossini.

Os Srs. Redactores do *Formigão*, pediram que escrevesse alguma coisa para o seu jornal; lembrei-me da walsa e, offereci-lhes: acceitaram o meu pobre escripto com bondade.

—1870

S. D.

TEM DE TUDO.

A escravidão e a liberdade. (')

(Cont. do n. 2.)

—Quem és? *Quem és?*

—Escravo.

—Escravo!... o que fizeste, certamente fugiste?

—Sim senhor.

—Quem é teu senhor?

—Joaquim Cordeiro de Mello

—Meu primo!

—Sim senhor, eu lhe conheci e eis o motivo, que talvez vos surprehendesse chamando pelo vosso nome.

—Pelo metal de voz... és... Paulo.

(') Conserva-se a orthographia.

(Da redacção)

—Sim senhor, sou Paulo a quem vós não consentistes que lhe applicassem os ferros em brasa por mandado do seu senhor.

—Porque fugiste?

—Porque, meu senhor me maltratava muito e continuadamente. Vendeu minha mulher depois de estar toda cortada de chicote e ter soffrido todos os martyrios, que se pode soffrer, por não querer satisfazer os seus torpes desejos. O seu novo senhor a vendeu para o Maranhão, meus filhos ficarão para o meu senhor n'elles exercer a mais acerba vingança; pois queria vingar-se de sua mãe, que tão caro pagou a nossa honra e estava longe de nossos innocentes filhos.

(Continua.)

Pepita!

Não chores, criança: dissipa as tristezas
Entreabre teus labios de fino coral:
Escuta os segredos das auras cheirosas,
Sê como as boninas sorrindo no val.

Gonçalves da Rocha.

Quando tu choras, turva-se o sol,
As trevas cobrem a amplidão,
Quando tu ris, os passaros trinão
E vibra a lyra celestial canção!

Quando tu choras as flores fechão,
Não corre a brisa, nem a viração,
Mas, se tu ris, as flores abrem-se,
E bello o sol brilha n'ampidão!

Quando tu choras, escurece a lua,
O orvalho secca, não humedece as flores
Mas, se tu ris, os astros brilhão,
E do meu peito se extinguem as dores!

Assim, não chores, não turves o sol,
Não cubras de trevas a vasta amplidão
Ri, que as aves trinão no bosque,
E então a lyra divina canção!

Ri, que os astros brilhão no espaço,
E o prado expande o perfume das flores.
A natureza toda é encantos,
E do meu peito se findão as dores!
Julho de 1870. VLISA.

Uma poesia

Offerecida a Esm. Sr. D. Rosa da
C. Santos.

(Para o Album.)

E' flor, o teu riso tem encantos
tem magia, que embriaga e seduz;
é angelico, e candido como a neve,
é puro como o incenso da cruz.

Como a prece que sôbe á magestade
como a bella primavera em céu d'anil
como a brisa que bafeja a planta verde
o teu riso se desprende infantil.

Rosa, é o teu nome, rosa és,
na rosa de gentil jardim:

não te pode escurecer a violeta,
se offuscas ao branco jasmim!

Roseos, são teus labios delicados
entr'abertos como a rosa em botão
teu todo tem o primor da rosa
bafejada pela fresca viração.

Agosto—1870.

CALDEIRA.

Amanhã.

(IMITAÇÃO.)

Se eu morrer amanhã sem te beijar
À campã vêa solitaria e chã,
Oscula a cruz que entristece o ermo
Se eu morrer amanhã!...

Se eu morrer amanhã sem vêr a lua
Na celeste plaga alvejar louçã,
Canta ao luar o nosso amor na campã
Se eu morrer amanhã.

Se eu morrer amanhã, cedo se finda
Da triste vida o cruel afan;

Descanso eterno me dará a campa
Se eu morrer amanhã !...

Se eu morrer amanhã; se o pobre corpo
Baixar a louza solitaria e chã;
O amor d'outrora reviverá nas cinzas
Se eu morrer amanhã !..

Agosto—1870.

FRANBERG.

Duas palavras ao meu amigo

GUILHERME A. LOPES.

(ao ler o primeiro n.º da «Formiga.»)

Não tropeces na vereda
Tão brilhante, que hoje encetas,
Pois a mente me segreda
Ver teu nome entre os poetas.

Deixa que um zoilo murmure;
Importancia lhe não liga,
Deixa que berre e que zurre,
O promaico da Formiga.—

Esquece, pois, manda á fava,
Bujar o tal menino,
Que veio lembrar-me da oitava
Do Nicoláu Tolentino. (1º)

Ensina-lhe a fazer versos,
Que os d'elles bem chatos são;
São d'aquelles que despersos
Nas « Canções da vida » estão.

Não os honres com um olhar
Condena-os á um monturo....
Caminha sem trepidar
E' tua esperança o futuro.—

A. A.

(1).....

.....

.....

.....

Dis d'esta forma ao casmurro:
Pode entrar o não empurro,
Nem me vem causar aballo;
Já cá sustento um cavallo,
Sustentarei mais um burro.

N'um album.

(Cota B.)

Viçosa flor, que no jardim floresce;
Morêna fada, que a poesia inspira;
Lyra d'ouro d'um sonhar de risos;
Canto solio onde o amor delira.

Brisa que bafeja a manhã florida,
Doce esperança do nauta perdido;
Estreita d'alva, que sorri na plaga
Canto argentino no amor colhido.

Pêrda achada no mar profundo
Nectar que brilha no fino cristal
Beijo das auras, que deslizam o lago
Carta levada pelo vendaval.

Acceita a grinalda, que é singela e pobre,
A elegante pagina não pode ornar
Não a despreses com teu riso altivo
Tem dó do pobre; que assim vai fanar.

Dias da Silva.

CHARADA.

Do corpo humano sou parte.—2
Que sou ave conhecida
Ninguem pode duvidar,— 2
E tambem apeteçada.

CONCEITO.

As moças gostam de mim,
E me tratam com amor
E em paga o tratamento
Lhes moderando o calor.

Decifração

Á da charada do n. passado—3
chapéo.

CHRONICA.

A Hespanha s'en va!
A comedia vae tomando seus
ares tragi-comicos!
Aquillo me parece um duo de
clarinetas a tocar, um harpejo ma-
caronico, um arrojo.... de poesia
à toda a força!

O velho Portugal depois de ter sido Telemaco quer fazer a sua *mise en scène* com ares de Mentor.

Trata de dar um rei á Hespanha, a terra dos amores, do bandolins, e dos olhos das cebolas.

E, cousa inexplicavel !

A pobre rainha-posta, escreve uma missiva em phraze *jerimianica* pedindo á seus amados hespanhões certa *nuance de grace* para seu *petit enfant* !...

Se eu tivesse o don de, por meio *d'une badine la plus chic*, achar a ponta do nó, buscava destramar-o para depois dizer como o Penante:

«
Uma Senhora já feita
Une dame proprement
Como é airosa, perfeita,
Embora seja mamã,
Mesmo até avó direita
De quatre petits enfants !
..... »;

e depois rir por ultimo, para rir muito e me hor.

—No espetaculo dado pelo artista o Sr. Guerreiro, a Sr^a. D. Euphrasia, e os Srs. Penante, e Morgado (sendo este ultimo um curioso) tudo agradou:—desde o completo desempenho dos papeis de que se incumbiram, até na escolha das comedias e scênas comicas representadas n'essa *soirée*.

Como não posso fazer uma resenha, uzando da liberdade que me confere a amizade, remetto os meus leitores para a « Não é chonica » do *Vinte Oito de Julho*, porque meu primo *Armand Duval* diz alguma couza: ora, entre parentes, não deve se uzar de certuménias, por isso o que é delle

é meu e vice-versa: até mesmo na troca de meus occulos com a sua luneta, não ha pechilingagem.

—Quase que morro engasgado leitores ! Por pouco que hoje não me leem !

Comia eu um pouco de bifes com batatas, bucha esta reforçada com um pouco de saborosa farinha d'agua, quando o Nunes... Conhecem o Nunes ? O Nunes é..... o Nunes !

Mas, como ia dizendo, o Nunes me entregou o *Monitor*, e, eu com a bocca cheia, fui correndo a vista pelas «Noticias», e deparei com esta rebrica: «A Formiga», li de fio a pavio, e tam entusiasmado fiquei que... zás... o bocado me escorregou pela guella com á força de um cata-vento... politico, em plena rotação soprado pelas conveniencias da praça...

Obrigado amigo do *Monitor*, tambem V. S. escreve bonito, e seus escriptos de redacção *parecem redigidos por mão de mestre*: amor com amor se paga.

—Desta vez tenho sido longo e massante como um discurso de deputado de *maioria* quando pretende pregar o carrapetão de que o governo que sustenta—é o melhor governo. Por isso deixo á minha vista d'olhos á festividade da VIRGEM SANTA PHILOMENA para o domingo seguinte.

Até á vista.

ANASTACIO, O ROCEIRO.

Maranhão.—Typ. Cons. Imp. por Emiliano Conrado de Souza.